



## **Jornalismo científico em Parintins: Desafios e Possibilidades<sup>1</sup>**

Mirian BITENCOURT<sup>2</sup>

Lucas MILHOMENS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

### **RESUMO**

O presente artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica que estamos desenvolvendo no ICSEZ<sup>4</sup> cujo objetivo é estudar os fatores que influem a ausência do jornalismo científico no município de Parintins, tendo como objeto de estudo os dois jornais impressos de maior circulação na cidade: “Novo Horizonte” e “Repórter Parintins”. O trabalho traz um panorama do jornalismo científico no município, as dificuldades dos comunicadores em escrever matérias científicas e a necessidade de veiculação das mesmas. Também a compreensão de algumas perspectivas do Jornalismo Científico como prática jornalística, bem como os elementos que compõe sua essência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Científico; Divulgação Científica; Parintins; Amazonas.

### **Jornalismo Científico x Divulgação Científica**

Para tratarmos de jornalismo científico é preciso compreender o conceito que lhes é atribuído. Primeiro, temos que deixar claro que divulgação científica não é jornalismo científico. Jornalismo científico é um caso particular de divulgação científica. O mesmo é um gênero do jornalismo que trata da divulgação de assuntos ligados à ciência e tecnologia pelos meios de comunicação, mas que seguem padrões jornalísticos como critérios de noticiabilidade, consulta às fontes e checagem das informações. Segundo Bueno (2012) divulgação científica e jornalismo científico não são a mesma coisa, embora estejam muito próximas. Explica o autor:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus – realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo do ICSEZ/Ufam - Campus de Parintins, e-mail: [mirian-bitencourt@hotmail.com](mailto:mirian-bitencourt@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador e Professor do Curso de Comunicação – Jornalismo do ICSEZ/Ufam - Campus de Parintins, e-mail: [milhomenslucas@yahoo.com.br](mailto:milhomenslucas@yahoo.com.br).

<sup>4</sup> Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ/Ufam, Campus Parintins.



Então, é preciso ficar claro: Jornalismo Científico, Divulgação Científica e Disseminação Científica são conceitos diferentes e exprimem manifestações diversas do processo amplo de difusão de informações sobre ciência e tecnologia. O Jornalismo Científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, segundo os critérios e o sistema de produção jornalística. (BUENO, 2012)<sup>5</sup>

Veras Júnior (2005) esclarece que existe um antagonismo histórico entre os conceitos de Divulgação Científica e Jornalismo Científico. O primeiro termo é designado aos cientistas e pesquisadores acadêmicos que trabalham com a difusão de informações científicas, mas que não são formados em Jornalismo. Segundo Júnior (2005, p.42) “a expressão jornalismo científico geralmente é designada aos profissionais da informação (repórteres, editores) que trabalham em veículos especializados”.

Isso porque segundo Bueno (2012) é possível encontrar, nos meios de comunicação, textos, artigos ou materiais sobre temas relacionados à Ciência e Tecnologia (C&T), mas não é jornalismo científico, porque não seguem padrões jornalísticos. Pois, o Jornalismo Científico é uma forma de divulgação dirigida ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística (consulta às fontes, checagem da informação dentre outras).

Oliveira (2007) deixa claro que a prática do jornalismo científico não se restringe apenas à cobertura da C&T, pois o conhecimento científico pode ser utilizado para compreender qualquer fato, acontecimento de interesse jornalístico. Assim, Oliveira (Idem, p.47) afirma que “a informação científica pode estar presente em qualquer editoria seja ela na de fatos gerais, de política, de economia e até de polícia e esporte”.

Enquanto que Filho (2012) relaciona o conceito de jornalismo científico, às condições presentes no dia a dia do jornalismo propriamente dito, bem como o contato com as fontes, a obtenção e checagem de informações, a produção do texto noticioso. Esses elementos delimitam o jornalismo científico como:

Um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado (FILHO, 2012)<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismocientifico/artigo27.php>. Acesso em 15 de agosto de 2012.



Sob o mesmo ponto de vista, Oliveira (Idem) esclarece que o próprio uso de princípios do método científico em muito se assemelha à prática de outras especialidades do jornalismo. No jornalismo científico também se faz entrevistas com as fontes, checa as informações, defini assuntos, elabora pautas, escreve matérias e se publica.

Para a autora o jornalismo científico é um gênero específico, e possui uma linguagem e característica própria de decodificação das notícias, constituindo uma categoria à parte. O jornalismo científico enquanto prática jornalística voltada para os assuntos ligados à ciência e tecnologia utiliza-se das mesmas características do fazer jornalístico voltado para qualquer outro tema como esporte, economia e acontecimentos corriqueiros. A apuração, a produção e edição das matérias são idênticas, no entanto, dependendo da especificidade do tema envolvido, os passos para a produção podem variar de acordo com a situação.

Desse modo, entendemos que divulgação científica é a popularização da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação (TV, impresso, internet e rádio) que podem se configurar de várias formas dependendo do meio. Seja em formato de artigo, coluna, palestras, entrevistas, fascículos e etc. Jornalismo científico é um caso particular, é a divulgação da C&T, mas que obedece ao sistema de produção jornalístico citado ao longo do texto por diversos autores.

### **Jornalismo científico em Parintins?**

Um dos objetivos principais deste artigo é responder essa pergunta. Para isso, escolhemos os dois jornais impressos de maior circulação do município. São eles: jornal Novo Horizonte e Repórter Parintins, no qual acompanhamos suas edições e analisamos seus conteúdos durante um período de três meses (agosto, setembro e outubro do ano de 2012). De início, o primeiro resultado obtido foi a constatação da ausência do jornalismo científico nos jornais impressos em análise, com a inexistências de matérias relacionadas à C&T por esses veículos. Analisamos qualitativa e quantitativamente vinte e quatro edições dos dois jornais. Sendo doze edições do jornal Repórter Parintins e doze do jornal Novo Horizonte. Nesse período de acompanhamento em análise

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

preliminar observamos que as matérias não seguem os critérios que poderiam enquadrá-las como jornalismo científico, tendo como base os critérios formulados por Burkett (1990). Nos quais devem ser observados o processo de seleção das informações, produção e publicação de uma notícia científica.

Algumas matérias sobre saúde nestes veículos até poderiam ser consideradas como jornalismo científico, tendo em vista que o jornalismo científico engloba a área da saúde. No entanto, o foco principal não é informar sobre questões relacionadas à saúde (com o intuito de problematizá-las), mas sim promover o nome da secretaria de saúde ou de autoridades locais, como mostra uma matéria abaixo sobre o câncer de mama. Veja abaixo:

**REPORTER** **GERAL** Parintins, domingo, 07 de outubro de 2012

**SAÚDE**

## Tony apóia campanha de combate aos cânceres de mama e colo de útero

*O homem tem que aprender a se cuidar como faz mulher com a saúde*

Foto: Alfredo Fernandes

**CAMPANHA** Mobiliza homens e mulheres pela boa saúde

**SOBRE O ASSUNTO**

**Outubro Rosa**  
O movimento popular internacionalmente conhecido como Outubro Rosa é comemorado em todo o mundo. O nome remete à cor do laço rosa que simboliza, mundialmente, a luta contra o câncer de mama e estimula a participação da população, empresas e entidades. Este movimento começou nos Estados Unidos, onde vários Estados tinham ações isoladas referente ao câncer de mama e ou mamografia no mês de outubro, posteriormente com a aprovação do Congresso Americano o mês de Outubro se tornou o mês de prevenção do câncer de mama.

campanha "Outubro Rosa", que alerta mulheres de todo o mundo sobre o combate aos cânceres de mama e colo de útero, foi o tema do discurso da terça-feira (02) do deputado estadual Tony Medeiros, na Assembleia Legislativa do Amazonas (Aleam).

A campanha, como ressaltou o parlamentar, acontece todos os anos no mês de outubro e mobiliza homens e mulheres em todo o mundo. Segundo Tony, no Amazonas a campanha não ficou restrita à Manaus, abrangendo também 21 municípios do interior do Estado, incluindo Parintins.

"Nestas cidades, vários pontos turísticos foram iluminados com a cor rosa, que é o símbolo da campanha de luta contra a doença", disse o parlamentar. O deputado também reconheceu o trabalho do Grupo de Apoio de Mulheres Masquetomizadas da Amazônia (Gama), que segundo Tony, "são incansáveis na luta contra o câncer e no apoio às mulheres que sofrem ou sofreram com a doença".

**Destaque**  
Tony Medeiros lembrou que o maior monumento da capital, a ponte Rio Negro, foi iluminada com a cor rosa para simbolizar o apoio de Manaus à luta contra os cânceres de mama e colo de útero. "Manaus e Parintins entraram nessa luta, cuja campanha também acontece em várias partes do mundo", acrescentou.

Como alertou o parlamentar, já existe o jargão popular que as "mulheres vivem mais porque se cuidam mais". "O homem ainda vive da 'síndrome do super homem', além do preconceito quando se trata de sua saúde e do câncer de próstata", disse.

O deputado fez questão de reconhecer o empenho do governador Omar Aziz, que se manifestou dizendo que vai acabar com a fila para a realização de exames da próstata no Amazonas. Segundo Tony, quando alguém tem o problema, não pode esperar quatro ou cinco meses para fazer exames e iniciar o tratamento, "pois aí pode ser tarde demais", destacou o deputado.

"O homem tem que aprender a se cuidar como a mulher faz. Os dois juntos têm que se cuidar. O homem tem que beber menos, fazer dieta e exercícios", ressaltou Tony. "É isso que dizem as recomendações médicas, incluindo a questão do exame preventivo. Tanto no homem, quanto na mulher, isso faz aumentar a expectativa de vida", completou.

Figura 01. Edição de número 120. Repórter Parintins, 2012. Reportagem sobre o apoio do deputado Tony Medeiros à campanha "outubro rosa" de combate ao câncer de mama e colo de útero.

A matéria em análise publicada no jornal Repórter Parintins na edição de número 120 trata sobre a campanha de combate ao câncer de mama "outubro rosa", mas o foco principal é o deputado Tony Medeiros. No corpo do texto, parágrafos que





deveriam ser preenchidos pela explicação de um especialista sobre os riscos da doença e até mesmo a prevenção, foi ocupado pelos relatos de “preocupação e incentivo” do deputado em uma seção ao parlamento. Além de frisar o “empenho” do governador Omar Aziz em diminuir a fila para a realização do exame de mamografia. Como a matéria se apresenta, provavelmente foi um *release* da assessoria do deputado voltado para os veículos de comunicação da capital do estado (Manaus – AM). Em nenhum momento é mencionado o município de Parintins. Uma vez que esta campanha ocorreu em todo o país, inclusive no município, seria importante especificar a programação voltada para a cidade. Neste sentido Bueno (Idem) destaca em seu texto a intervenção da mídia em matérias relacionadas à ciência, sempre com o interesse de promover ou destruir, pela forma como são apresentadas ao público.

Uma análise mais acurada desta presença na mídia revela, no entanto, que nem sempre o tom das manchetes destaca o caráter emancipador da ciência e da tecnologia; pelo contrário, alimenta suspeitas contra empresas, universidades e mesmo cientistas, acusados de privilegiarem, na produção e na divulgação de suas pesquisas, interesses políticos, econômicos, comerciais ou pessoais. (BUENO, 2012)<sup>7</sup>

Em doze edições de cada jornal, 90% das matérias sobre saúde são relacionadas às ações da Secretaria Municipal de Saúde (Semsu). São notícias sobre campanhas de vacinas, no qual informa apenas a presença dos profissionais da Semsu e o local onde foi feita a ação (normalmente escolas). Nenhuma matéria tinha pretensão de explicar ao leitor a importância das vacinas, mas sim o intuito de promover o nome de políticos como o caso do deputado citado.

É comum usarem temas relacionados ao mundo científico como isca para fazer campanhas políticas através da mídia. Wilson Bueno exemplifica utilizando a eleição do ex-presidente dos Estados Unidos, George Bush.

A recente eleição presidencial norte-americana reforçou o vínculo entre o poder político e o econômico, escancarando a todos a interface entre a administração pública e os interesses empresariais. Pudemos saber, por exemplo, dada a transparência das informações que costumam caracterizar a nação mais rica do mundo, quando de seus embates internos, (lobby regulamentado, vigilância dos meios de comunicação de massa etc.) que as principais companhias farmacêuticas dos Estados Unidos e suas organizações comerciais gastaram não

---

<sup>7</sup>Disponível em:

<[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo30.hp](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo30.hp)>. Acesso em: 10 de novembro de 2012.



menos de U\$46 milhões em propaganda política e doações para influir nas eleições deste ano (BUENO, 2012)<sup>8</sup>

Segundo o mesmo autor, ser mostrado pela mídia como um candidato ligado ao pensamento avançado da alta tecnologia é algo “valioso e inatingível”. Uma arma perfeita para persuadir eleitores.

Mas os relatos de relações espúrias e eticamente condenáveis não se restringem ao campo da ciência e da tecnologia, mas incorporam, também, a indústria cultural e, muito particularmente a comunicação científica. Os meios de comunicação têm, de caso pensado ou por ingenuidade (incompetência, despreparo?), se tornado cúmplices de interesses políticos, econômicos e comerciais, atuando como autênticos porta-vozes de indústrias, governos, institutos de pesquisa ou governos mal intencionados (BUENO, 2012)<sup>9</sup>.

Wilson Bueno explica ainda que para o público leigo, fica mais difícil distinguir nas matérias de caráter científico, os limites entre a informação e o marketing, podendo ser identificados com alguma frequência, na mídia, releases de imprensa, emitidos por empresas, políticos e entidades, travestidos de notas e notícias confiáveis<sup>10</sup>.



<sup>8</sup>Disponível

em:<<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/Jornalismocientifico/artigo30.hp>>. Acesso em: 10 de novembro de 2012.

<sup>9</sup>Disponível

em:<[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo30.hp](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo30.hp)>. Acesso em: 10 de novembro de 2012.

<sup>10</sup>Disponível

em:<[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo30.hp](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo30.hp)>. Acesso em: 10 de novembro de 2012.

Figura 02. Edição de número 947. Novo Horizonte, 2012. Matéria sobre a instalação de sistema de tratamento para fossa.

O texto em análise é uma notícia veiculada no jornal Novo Horizonte na edição de número 947, o qual trata de um “moderno sistema” de tratamento de fossa instalado na escola Brandão de Amorim. O texto em si ocupa pouco espaço na página, o maior destaque se dá à imagem. Mesmo que segundo Hernandes (2007) uma imagem vale mais que mil palavras, neste caso específico a imagem só vem a complicar e a necessidade de explicação em palavras, tornando-se necessário esclarecer como funciona o tal sistema moderno a ponto de justificar o gasto de mais de meio milhão de reais aos cofres públicos na implantação. Seguindo os critérios estabelecidos por Burkett (1990), o assunto entraria na categoria “significado: o que o tema significa para a ciência ou para a sociedade”<sup>11</sup>, ou seja, qual a importância de se instalar o aparelho nas escolas. A forma como foi escrita não esclarece os pontos principais. Primeiro como funciona essa nova tecnologia e que tipo de problemas irá sanar com a instalação. Segundo qual a importância para a sociedade e ao meio ambiente. O texto só informa a implantação do sistema na escola e frisa que a mesma instituição de ensino foi a segunda do Estado a receber o benefício. Renderia uma matéria de uma página se o repórter tivesse um pouco mais de conhecimento ciência e tecnologia. Uma dica que Fabiola (Idem) deixa em seu livro aos repórteres de ciência é o uso de metalinguagem para aproximar o leitor do assunto abordado. A foto mostra três garrações de grande porte conectados a tubos, daria para fazer inúmeras comparações para o melhor entendimento do público.

O uso e o abuso da metalinguagem são excelente recurso para aproximar o público leigo das informações científicas. Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil à compreensão do assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz (OLIVEIRA, 2007, p 44).

Podemos entender que a falta de profissionais especializados nestes veículos comprometem a qualidade das matérias. Além de não informar de forma precisa assuntos que fazem parte de suas vidas como saúde, educação, meio ambiente, eventos científicos e as pesquisas desenvolvidas nas universidades e Instituto. Parte dos textos não respondem as perguntas básicas que um repórter de qualquer editoria tem que

---

<sup>11</sup>Disponível em: <[http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo\\_ronaldosantanna.pdf](http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo_ronaldosantanna.pdf)> Acesso em: 29 de março de 2012.



responder em um texto jornalístico, o famoso lide (*lead*) Quem? Como? Onde? Quando? Porquê? O que?

O Novo Horizonte é o único jornal impresso que mantém uma página para fazer divulgação de assuntos ligados à saúde, mas é só divulgação. O conteúdo não pode ser considerado jornalismo científico, são textos publicados na editoria de Educação e Saúde na parte inferior da página 09, geralmente baixado da internet e ao final do texto é disponibilizado o link para acesso, ou, escrito por alunos de Saúde Coletiva da UEA. Essa diferença entre divulgação científica e jornalismo científico é problematizada por Bueno (2012), o primeiro diz respeito à divulgação da ciência pelos meios de comunicação em forma de artigo, periódico, panfletos, cartilhas e etc. Enquanto que o segundo diz respeito à divulgação da ciência pelos meios de comunicação de massa, mas que obedece aos critérios de produção jornalísticos.

No período de acompanhamento dos dois jornais (três meses) dentre os assuntos mais abordados nos veículos foram saúde, meio ambiente, educação e eventos da UEA. Como mostra o gráfico abaixo:

Figura 03. Gráfico ilustrativo.

Apesar de serem publicadas matérias sobre estes temas que fazem parte do jornalismo científico, nenhuma das matérias corresponde aos critérios estabelecidos por Burkett (1990) e assim, ser classificado como jornalismo científico. Estas matérias poderiam entrar na editoria de Cidades ou Variedades, pois da forma como foram escritas, as quais, respondem apenas às perguntas básicas do lide, com o intuito só de informar as ações da secretaria de saúde do municipal sem discutir os assuntos principais em pauta.

### **Critérios Fundamentais**

Vimos no início do texto que jornalismo científico é a divulgação da ciência e tecnologia, mas que obedece aos padrões jornalísticos como checagem das informações, critérios de noticiabilidade, consulta às fontes entre outros. Assim como outras especialidades do jornalismo seguem critérios, no jornalismo científico não poderia ser diferente. Warren Burkett (Idem) determinou em sua obra alguns critérios que devem





ser considerados no processo de seleção das informações, produção e a publicação de uma matéria científica. São eles<sup>12</sup>:

1 – Impacto: uma matéria que afeta uma grande quantidade de leitores, como pesquisas relacionadas à doenças, chama atenção, principalmente quando se trata de doenças que o público reconhece como uma ameaça (exemplo dados sobre o números de pessoas infectadas com o vírus HIV, ou, câncer de mama);

2 – Significado: o que o tema significa para a ciência ou para a sociedade, como as pesquisas genéticas. Aqui no Amazonas aquelas que envolvem plantas e animais e a biodiversidade;

3 – Pioneirismo: pioneirismo e singularidade trazem em si a novidade, um dos critérios do jornalismo;

4 – Interesse humano: perfis de cientistas ou de pessoas afetadas por descobertas científicas podem render matérias de qualidade (exemplo o professor doutor Ademir Castro que recentemente concluiu uma pesquisa sobre as potencialidades do chorume para a degradação das garrafas pet na UEA);

6 – Necessidades de sobrevivência: as pessoas têm grande interesse por temas que trabalham aspectos fundamentais de sobrevivência, como os que tratam do meio ambiente e qualidade de vida (exemplo são as redes de esgotos a céu aberto, grandes cheias e as queimadas que ocorrem constantemente em algumas comunidades rurais próximas do município);

7 – Necessidades de conhecimento: o ser humano é curioso por natureza. Essa curiosidade pode estar ligada à ciência e tecnologia. Muitos leitores tem interesse em conhecer melhor o mundo científico (exemplo: pesquisas que estão sendo realizadas nos laboratórios da Ufam, UEA e Ifam);

8 – Proximidade: quanto mais perto o leitor está do acontecimento, maior é a possibilidade que se sinta obrigado a ler uma matéria científica.

9 – Variedade: cada edição deve contar com matérias variadas para não alimentar a impressão de monotonia e gerar tédio entre os leitores.

Esses critérios serão usados para análise dos dados obtidos durante a pesquisa. Entende-se que a ausência desses critérios explica a ausência do jornalismo científico em Parintins e a falta de preparo dos profissionais da mídia em escrever matérias científicas.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <[http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo\\_ronaldosantanna.pdf](http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo_ronaldosantanna.pdf)>. Acesso em: 29 de março de 2012.



## **Mídia e Comunidade Científica**

A relação entre a mídia local e a comunidade científica é importante para termos uma divulgação científica de qualidade. Para isso, é preciso tanto a colaboração dos pesquisadores em manter uma boa relação com a mídia e compartilhar com os repórteres os resultados das pesquisas desenvolvidas por eles, como dos profissionais da comunicação que têm que estar preparados para traduzir o conhecimento científico ao público. Pois, segundo Boas (2005, p.14) “os meios de comunicação são o caminho mais imediato e abrangente de intensificar a divulgação científica para o grande público”.

São vários os motivos que justificam o distanciamento entre os pesquisadores e os veículos de comunicação. Segundo Oliveira (Idem) cientista e jornalista vivem em mundos distintos, enquanto que o primeiro leva anos desenvolvendo uma pesquisa, o segundo trabalha com o imediato e precisa resumir todo o processo da pesquisa em 15 linhas. É difícil para um cientista explicar todo seu trabalho em uma entrevista rápida, assim como também não é nada fácil para um repórter entender toda a linguagem usada para explicar tal pesquisa. Para isso, o repórter precisa estar preparado, alguns teóricos atentam para a necessidade da especialização na área, ter o máximo de conhecimentos sobre as novas tecnologias. Além de estudar o assunto a ser tratado antes de sair para uma entrevista.

Boas (2005, p.14) adverte que a resistência da comunidade científica em relação à mídia tem suas razões. “Os meios de comunicação são, antes de tudo, um negócio com um produto a vender. Seu produto é a informação. Seus consumidores são os leitores, ouvinte e telespectadores”. Assim, quem determina as notícias que serão publicadas no jornal não é a vontade do pesquisador em divulgar sua pesquisa, mas o que o editor ou diretor do veículo considerar relevante para aumentar a venda do jornal.

Outra razão apontada por Boas (2005, p.15) sobre o distanciamento entre a produção científica e sua divulgação nos meios de comunicação de massa é a falta de interesse dos pesquisadores que se destacam no meio acadêmico em popularizar o seu saber. “Tão importante quanto subsidiar o trabalho dos jornalistas científicos é preparar os próprios cientistas para lidar com a imprensa”.

## **O Embrião Universitário**



Enquanto que alguns municípios do Amazonas não têm a presença das universidades e assim as possibilidades dos veículos publicarem matérias de cunho científico é menor, Parintins conta a presença de duas universidades públicas, a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e, também, do Instituto Federal do Amazonas (Ifam). Ou seja, o município está representado por uma comunidade científica considerável. Nestas mesmas instituições estão sendo desenvolvidas inúmeras pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, tais como: Ciências Biológicas; Ciências Humanas; Ciências Exatas; Ciências Sociais; Ciências Agrárias.

Em levantamento feito nas duas universidades sobre as pesquisas que estão sendo realizadas, constatamos que só na Ufam há, pelo menos, 41 projetos de iniciação científica – portanto financiados por órgãos de fomento – referentes ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Na UEA, são 68 projetos do Programa de Apoio de Iniciação Científica (Paic) em execução. Contabilizando as duas universidades, elencamos mais de 100 projetos de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento que estão sendo desenvolvidos. Pesquisas estas em sua maioria que não são levadas ao conhecimento do público, o que, em nossa opinião, é uma grande deficiência no que tange a divulgação científica em Parintins e Região (conhecida como Baixo Amazonas)<sup>13</sup>. É importante construir uma ponte entre a comunidade científica e a população. E uma das finalidades da mídia é prestar esse papel social de levar as pesquisas até o conhecimento do público em geral.

### **Exemplo de pesquisa**

Uma das pesquisas feitas na UEA avaliou o potencial de degradação das garrafas pet por meio de fungos típicos da região amazônica, e as condições do crescimento destes microorganismos aliados à combinação de fatores, como temperatura e luz, que podem elevar ao máximo o processo de degradação das garrafas (polietileno tereftalato), material resistente à degradação natural e que ocupa um vasto espaço no meio ambiente por longo tempo. Essa pesquisa pode contribuir para a diminuição da degradação do plástico em menos tempo e ajudar o meio ambiente. Esse resultado pode vir a beneficiar o município, pois temos uma lixeira a céu aberto implantada ao lado da própria UEA

---

<sup>13</sup>A Região do Baixo Amazonas é compreendida pelos municípios que circundam o Rio Amazonas na fronteira entre estados do Amazonas e Pará.



onde foi desenvolvida a pesquisa. Com a aplicação desse método, os danos causados ao meio ambiente serão menores.

Segundo Boas (2005, p.27) o mito de que o público não se interessa por ciência precisa ser quebrado. “Não sejamos pessimistas, e confiemos que uma divulgação científica de qualidade pode ser feita”.

Por outro lado, autores como Bueno (Idem) alegam que o ensino formal de ciências nas escolas públicas é fraco, e que a mídia cumpre o papel pedagógico de alfabetizar os jovens. Segundo o próprio autor, muitos não conseguem compreender assuntos simples do mundo da ciência. Mas Boas (2005, p.29) adverte que “mais do que uma alfabetização em ciência, o público precisa de bons intérpretes”.

### **Novo Horizonte e Repórter Parintins**

O jornal impresso Novo Horizonte é o jornal mais antigo do município. É o veículo pertencente à Igreja Católica que circula semanalmente com tiragem de 600 exemplares. O Novo Horizonte tem como *slogan* “A verdade vos libertará” uma citação bíblica do cristianismo dita pelo profeta João Batista. É composto por 12 páginas. As editorias são divididas em Opinião; Cidade; Variedade; Educação e Saúde; Política e Igreja. A primeira página (capa) traz as manchetes dos acontecimentos relevantes da semana. Sempre uma chamada em maior destaque trazendo o acontecimento mais importante da edição.

A segunda página é a de Opinião, composta por vários artigos opinativos e o editorial que normalmente é a opinião do jornal sobre algum tema factual e polêmico, assunto de maior destaque no jornal. As páginas de três a onze variam de editoria dependendo das notícias, na maioria das vezes as matérias vem na página de Cidades, Igreja e Política. A página de Cidade traz matérias sobre assuntos corriqueiros que acontecem no dia a dia, como acidentes, eventos entre outros. A página da Igreja é a mais privilegiada, composta por assuntos da igreja bem como ações, palestras e festas religiosas. A página de política trata, geralmente, sobre fatos que ocorrem na câmara e prefeitura.

A página 12 é denominada Variedade, normalmente é recheada de fotografias, registro de alguma ação da igreja. Na parte inferior vem os nomes acompanhados por fotos dos assinantes que fazem aniversário no decorrer da semana. O veículo é dirigido



pelo Padre Henrique Uggé. Os redatores (à época da pesquisa) são Aroldo Bruce, Carlos Alexandre, Ediney Alcantra e Emiliana Monteiro.

O jornal não dispõe de uma editoria específica para ciência e tecnologia. E em doze edições, não foi publicada nenhuma matéria de cunho científico. Por ser um jornal ligado à igreja as possibilidades de matérias científicas são limitadas, mas o jornal tem o dever de informar a população e não pode descartar as matérias ligadas a ciência. Uma vez que os meios de comunicações têm um compromisso social de contribuir no processo de popularização da mesma.

O jornal Repórter Parintins é dirigido pelo empresário Neudson Correa, com uma tiragem de mil exemplares por semana. São oito páginas divididas em capa, página de opinião e com apenas duas editorias, Cidades e Geral. A capa traz o título em destaque relacionado ao acontecimento mais importante da semana acompanhado por foto e na parte inferior as chamadas das matérias em menor destaque da edição. Na página de opinião, vem o editorial sobre o assunto em destaque no jornal, algumas notas denominadas de “Rapidinhas” e o “Telhado de Vidro” que são indiretas sobre temas variados. Normalmente, as matérias da página três vem em destaque na primeira página, é considerada a página mais importante deste jornal. As páginas de Cidade e Geral trazem matérias sobre acontecimentos do cotidiano parintinense. Em doze edições não foram publicadas nenhuma matéria relacionada à ciência e tecnologia. O veículo também não dispõe de uma editoria para ciência.

### **Considerações finais**

Através desta pesquisa detectamos que a maioria dos profissionais que trabalham nesses veículos não possuem formação acadêmica em jornalismo. Os dois jornais não dispõem de uma editoria específica para veicular matérias de cunho científico. Pois a insuficiente formação do jornalista para cobrir ciência e a incompreensão de boa parte dos cientistas sobre o papel do jornalismo científico pode comprometer a qualidade final destes produtos noticiosos. Mas essa situação pode mudar se ambos (jornalistas e pesquisadores) se dispuserem a dialogar, a entender as particularidades dos processos de produção das notícias. E sobretudo, é importante que eles tenham consciência da necessidade de democratizar o conhecimento científico e que trabalhem em prol da construção da cidadania.





Uma vez que temos um público que apesar da deficiente formação acadêmica possui um grande interesse em notícias relacionadas à ciência e tecnologia. E, também, a presença da comunidade científica no município, através de duas universidades públicas (Ufam e UEA) e um Instituto (Ifam) que produzem trabalhos importantes e, por conta desta deficiência na divulgação científica, sua produção fica restrita a seus próprios pares acadêmicos. Se os profissionais da comunicação se especializarem e os pesquisadores se derem conta da importância em divulgar suas pesquisas para a comunidade, em pouco tempo teremos um avanço significativo nesta área, ampliando dessa maneira a importante função da divulgação científica e, por consequência, do desenvolvimento regional.

## REFERÊNCIAS

BERTOLLI FILHO. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2012.

BOAS, Sergio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico e o ensino de ciências**. Disponível em: <[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo30.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo30.php)>. Acesso em: 10 de março de 2012.

\_\_\_\_\_, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico e democratização do conhecimento**. Disponível em: <[http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo27.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo27.php)>. Acesso em 15 de março de 2012.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1990.

CALADO, Liliâne de Andrade. **A ciência no jornalismo impresso**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/calado-liliane-ciencia-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2012;

LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. - 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

MASSARANI, Luisa. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico**: 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2007.



SANT'ANNA, Ronaldo. **Jornalismo Científico:** Tarefa para Jornalistas ou Cientistas? Disponível em: <[http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo\\_ronaldosantanna.pdf](http://revistacientificaplural.files.wordpress.com/2009/04/artigo_ronaldosantanna.pdf)>. Acesso em 29 de março de 2012.

VERAS JUNIOR, José Soares. **Da Informação Ao Conhecimento: O Jornalismo Científico Na Contemporaneidade.** Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2005. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br>>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Porto: Presença, 1995.